



ISSN: 2595-1661

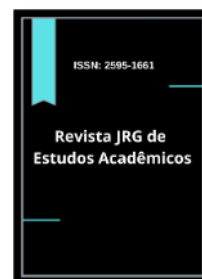
ARTIGO

Listas de conteúdos disponíveis em [Portal de Periódicos CAPES](https://portaldeperiodicos.capes.gov.br)

Revista JRG de Estudos Acadêmicos

Página da revista:

<https://revistajrg.com/index.php/jrg>



Faces femininas, espiritualidade e embelezamento: o simbolismo na joalheria afro-brasileira no Rio de Janeiro do século XIX

Feminine Faces, Spirituality, and Embellishment: Symbolism in Afro-Brazilian Jewelry in 19th-Century Rio de Janeiro

DOI: 10.55892/jrg.v8i19.2541

ARK: 57118/JRG.v8i19.2541

Recebido: 14/10/2025 | Aceito: 22/10/2025 | Publicado on-line: 23/10/2025

Bruna Oliveira de Almeida¹

<https://orcid.org/0009-0001-1902-9642>

<http://lattes.cnpq.br/3413304529203197>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), RJ, Brasil

E-mail: bru.oliv.a4@gmail.com



Resumo

O presente artigo procura retratar sob o prisma da arqueologia a relação das mulheres negras escravizadas e libertas no Rio de Janeiro oitocentista e a sua cultura material – a Joalheria Afro-Brasileira. Foram analisados o histórico e desenvolvimento da escravidão no recorte feminino no decorrer do século XIX, bem como a situação degradante de existência imposta a estes seres humanos. Para isso, são utilizadas para auxiliar, iconografias produzidas por Jean-Baptiste Debret e Johann Moritz Rugendas, interpretadas através da abordagem pós-processualista. Procuramos apontar as diferentes visões de mundo, agências e as estratégias organizadas por essas mulheres mesmo diante das opressões, o que desencadeou e estimulou o desenvolvimento de diversas joias e adereços para expressarem sua espiritualidade, embelezamento e resistência. Diante dessa realidade, destacamos a importância da pesquisa arqueológica ligada à diáspora africana e de gênero, para fornecer dados mais apropriados que foram negligenciados originalmente nas ciências humanas, dando o devido protagonismo a estas mulheres.

Palavras-chave: Mulheres negras; diáspora africana; agência; escravidão; afro-joalheria.

¹ Graduado(a) em Arqueologia (UERJ). Especialista *Lato Sensu* em Arqueologia e Patrimônio Histórico (UnivItória).

Abstract

This article seeks to portray the relationship between enslaved and freed black women in the 19th century in Rio de Janeiro and their material culture – Afro-Brazilian jewelry. The study analyzes the history and development of slavery with a focus on women during the 19th century, as well as the degrading conditions of existence imposed on these human beings. For this purpose, iconographies created by Jean-Baptiste Debret and Johann Moritz Rugendas are used as supporting material. The research highlights the different worldviews, agencies, and strategies organized by these women, even in the face of oppression, which triggered and stimulated the development of various pieces of jewelry and adornments mentioned in this work. In light of this reality, the study underscores the importance of archaeological research focused on the African diaspora and gender, providing more accurate data that was originally neglected in the human sciences, thus granting these women their deserved prominence.

Keywords: Black women; african diaspora; agency; slavery; afro-jewelry.

1. Introdução

A escravidão nos solos brasileiros começou na primeira metade do século XVI, comandada pelos portugueses. Com o insucesso da escravidão dos povos indígenas, os portugueses investiram em suas colônias africanas o processo de tráfico para o Brasil. Anteriormente, já havia sido montada uma rede de comércio negreiro, através da qual foram utilizados negros escravizados nas plantações de cana-de-açúcar em suas ilhas do Atlântico.

Muitas justificativas foram utilizadas para a escravização dos africanos, como por exemplo, o ideal de que eram pessoas sem alma e inferiores aos brancos e que o contato com o mundo cristão, as tornariam civilizadas.

Segundo Goulart (1975), entre 1801 e 1830, ocorreu o desembarque de cerca de 570 mil africanos somente no Rio de Janeiro. Dentre esses milhares de indivíduos, algumas das nacionalidades que tiveram destaque nos registros foram as de Angola, Moçambique e Congo. Podemos observar isto no trecho abaixo do artigo sobre demografia de negros escravizados no Rio de Janeiro:

Africanos ocidentais representaram de 1,5 a quase 7% (dependendo das fontes e dos períodos) do volume total de africanos. Já os africanos centrais (divididos entre Congo norte, norte de Angola e sul de Angola) representavam 79,7%, e os africanos orientais, 17,9% (Gomes, 2012, p. 94).

Nesse contexto de pluralidades étnicas, mulheres negras circulavam pelas ruas do Rio de Janeiro oitocentista às quais eram impostos diversos serviços nas áreas urbanas, como a fazer compras, lavar roupas, vender quitutes e alguns serviços de costura. Com o excedente das vendas que recebiam de seus proprietários, conseguiam conquistar seus adereços para buscar proteção e embelezamento. Essas mulheres foram responsáveis por movimentar e participar de forma ativa das vendas nas ruas, como aponta Graham (2012):

Elas cardavam e teciam algodão, tingiam pano de riscado azul e vermelho, extraíam azeite de dendê, fabricavam cerveja de milho, faziam jarros de barro e carregavam água, mas, principalmente, vendiam ou trocavam no mercado qualquer excedente, produzido pelos maridos, por outros suprlmentos: tecido, sal, ferramentas e tintas corantes. (Graham, 2012, p. 42)

Em 1808, a família real portuguesa e uma grande comitiva chegaram ao Brasil, estabelecendo-se a princípio na Bahia, mas logo depois se mudam para Rio de Janeiro. A corte fixa a sua sede no convento do Carmo, na Praça XV no centro na cidade. Para atender aos gostos dos monarcas, o prédio passou por algumas reformas e adaptações como, por exemplo, a capela que foi transformada em teatro e sala de concertos. D. João VI tinha planos para o desenvolvimento cultural da nova metrópole.

Tão logo a estabilidade política foi restaurada na Europa, em 1815, foram convidados talentos estrangeiros para que o país pudesse ser comparado a outros grandes modelos na época como, Portugal e Algarves. Assim, são recepcionados em “território brasileiro” artistas como Jean-Baptiste Debret (através da Missão Artística Francesa) e Johann Moritz Rugendas (convidado para ser desenhista documentarista da Expedição Langsdorff). Eles seguiam o estilo neoclássico, que era um padrão artístico inspirado nos padrões da arte clássica greco-romana da Antiguidade e do Renascimento. Suas obras documentaram aspectos da natureza e da sociedade brasileira no início do século XIX.

Através das iconografias produzidas por Debret e Rugendas, é mostrado por diversas vezes uma nítida relação social de domínio e submissão, expressadas por meio das expressões e posturas corporais vistas nas imagens e nos elementos que as compõe. Reforçando muitas vezes uma visão que não é completamente legítima das figuras das mulheres negras no Rio de Janeiro durante o século XIX.



Figura 1 - Negra tatuada vendendo cajus, Jean-Baptiste Debret, 1827. Fonte: Acervo Biblioteca Nacional.

O Brasil foi a maior região escravagista do Mundo Moderno, e um dos reflexos deste período nos dias atuais é observado na população brasileira, que tem a maior concentração de pessoas pretas fora da África (Pereira, 2012). Por conta deste grande fluxo de pessoas escravizadas no país vindas do continente africano, é verificado um enorme acúmulo de artefatos relacionas a cultura dos africanos e seus descendentes. Como foi constatado no sítio do Cais do Valongo, onde foram resgatadas cerca de duas mil contas de colar e duas centenas de búzios (Lima; Sene; Souza, p. 9, p. 13, 2014).

Estas mulheres negras jovens e adultas escravizadas em solos brasileiros, criaram práticas de embelezamento e também proteção corporal, que foram externadas através de seus adornos. Os símbolos são da mesma maneira, atores operantes e influentes dentro da transmissão e reprodução da materialidade.



Figura 2 - Escravas negras de diferentes nações, Jean-Baptiste Debret, 1889. Fonte: Acervo Biblioteca Nacional.

A criação desses símbolos nos remete a noção de agência, pois elas se mostraram agentes envolvidas que adotavam diferentes padrões de comportamento nos seus contextos sociais, buscando realizar metas específicas e consequentemente influenciando diretamente nosso país em diversos aspectos, como a cultura, culinária, vestimenta, etc.

Logo, a cultura material passa a ser entendida de forma subjetiva, aberta a diversas interpretações arqueológicas. Ela é “um elemento ativo nas relações entre grupos, elemento que tanto pode ser usado para disfarçar relações sociais como para as refletir” (Trigger, 2004, p. 338), aspecto observado na joalheria afro-brasileira que irradiava a fé de milhares de mulheres negras em seus respectivos contextos sociais.

Como observamos no artigo de Symanski e Gomes (2013) que aborda o tema de agência de grupos escravos e de libertos vivendo em tipos diferenciados de estruturas produtivas:

“Do mesmo modo, a noção de poder, embora não ignorada, não era central a esta estrutura teórica. Porém, o fato de o indivíduo estar sempre envolvido em relações de poder e de desigualdade exige que a relação entre agência e poder torne-se central nesta estrutura teórica” (Symanski; Gomes, 2013, p. 296)

Dessa forma, apesar de viverem sob um fortíssimo regime escravocrata, estas mulheres negras não se limitaram totalmente e se organizaram estrategicamente para produzir materialidades que buscavam expressar sua identidade e crenças. A produção de seus artefatos e sua joalheria (como os balangandãs, colares de contas, pulseiras, brincos e anéis) foram uma forma de resistência, proteção, embelezamento

e cura. São aspectos de manutenção de práticas culturais originais de seu continente que foram adaptadas para seu novo contexto em solo brasileiro.

Essas mulheres são constantemente esquecidas ou silenciadas dentro das produções de conhecimento, que não as enxergam como indivíduos complexos e influentes na história. E as reflexões sobre adornos e objetos vinculados às mulheres negras no Rio de Janeiro, durante o século XIX são recentes e escassas.

Estudar sobre a Diáspora Africana é uma também perpetuar os conhecimentos de gerações e gerações de mulheres pretas responsáveis pela formação do que conhecemos hoje como Brasil, elas que influenciaram nossas vidas em diversos aspectos, como na culinária, vestimenta, religião e na linguagem.

Estudar sobre a materialidade desses povos que foram brutalmente deslocados através do atlântico é desenvolver noções de memórias e identidade, que foram negadas a população negra brasileira desde o seu desembarque forçado no país.

Nós pessoas afrodiaspóricas temos que lidar com o apagamento dos nomes, das existências sociais, das histórias de nossos antepassados. Talvez seja principalmente esta ferida, a ferida relacionada ao apagamento das nossas histórias, que me levou para a arqueologia. (HARTEMANN, 2019, p. 3)

Por fim, a joalheria afro-brasileira é vestígio concreto da mais pura ancestralidade preta.



Figura 3 - Negra da Bahia, Marc Ferrez, 1885. Fonte: Acervo Instituto Moreira Salle.

2. Metodologia

A metodologia usada neste projeto foi uma pesquisa bibliográfica a partir de fontes documentais etnohistóricas e etnográficas, com ênfase na iconografia oitocentista do Rio de Janeiro. Com o intuito de obter informações mais precisas sobre os materiais, como por exemplo as expressões de gênero e raça vinculadas a eles.

Esses objetos foram tratados como elemento primordial para a formação da identidade brasileira, da estética e do caráter espiritual das mulheres negras nos dias

de hoje. Para tal, foi realizado como metodologia um levantamento iconográfico, bibliográfico e arqueológico dessas representações, buscando analisar e interpretar os diferentes tipos de adornos corporais e seus diversos usos e significados, como proteção e embelezamento dos seus corpos, comparando-os aos objetos dessa mesma categoria encontrados no Cais do Valongo e da Imperatriz, a partir de artigos já publicados e anúncios de jornais. Para a seleção das imagens nos limitamos a:

- 1) iconografias com recorte temporal histórico do século XIX;
- 2) recorte geográfico da cidade do Rio de Janeiro;
- 3) pinturas que apresentassem adornos relacionados a cabeça, pescoço e tronco das mulheres negras, sendo eles brincos, colares, fios de conta e balangandãs.

3. Resultados e Discussão

Entre as afro-joalherias registradas nas dezoito iconografias selecionadas de Debret e Rugendas, damos evidência neste trabalho aos brincos, colares, fios de conta e balangandãs, artefatos vinculados aos sítios da Diáspora Africana. Dotados de grande requinte, estes adornos não eram sempre vistos de forma positiva, pois “o que era luxo e poder, em um corpo branco, podia tornar-se luxúria e submissão, se usado sobre uma pele mais escura” (Lara, 1999, p. 183). A partir da pesquisa bibliográfica e iconográfica, obtivemos as seguintes imagens:

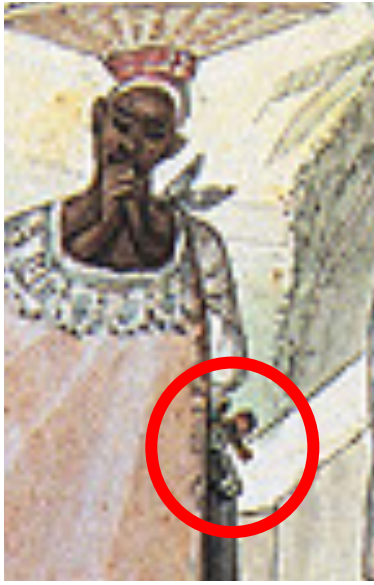
Figura 1		Jean-Baptiste Debret
		
Café (sic) Torrado, 1826		
Jean-Baptiste Debret Aquarela sobre papel		15,40 cm x 19,60 cm
Museus Castro Maya - IPHAN/MinC (Rio de Janeiro)		
Adornos analisados: brincos e penca de balangandã.		

Figura 2	Jean-Baptiste Debret
	
	
O Velho Orfeu Africano. Oricongo, 1826.	
Jean-Baptiste Debret Aquarela sobre papel	15,60 cm x 21,50 cm
Museus Castro Maya - IPHAN/MinC (Rio de Janeiro)	
Adornos analisados: brincos e colar.	

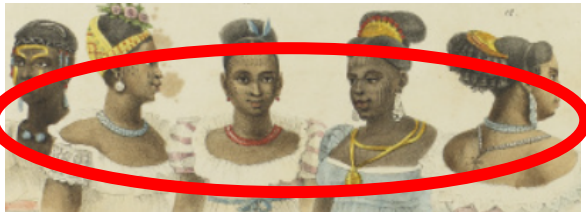
Figura 3	Jean-Baptiste Debret
	
	
Escravas negras de diferentes nações, 1835.	
Jean-Baptiste Debret Gravura - Litografia sobre papel	32,4 x 47,2 cm
Acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo, Brasil. Coleção Brasileira/ Fundação Estudar. Doação da Fundação Estudar, 2007 Pinacoteca do Estado de São Paulo.	
Adornos analisados: brincos e colares.	

Figura 4	Jean-Baptiste Debret
	
Negra tatuada vendendo caju, 1827.	
Jean-Baptiste Debret Aquarela sobre papel	21,6 x 15,7 cm
Museus Castro Maya - IPHAN/MinC (Rio de Janeiro)	
Adorno analisado: balangandã .	

Figura 5

Jean-Baptiste Debret



Negros vendedores de carvão / Vendedores prometidos da Turquia, 1835.

Jean-Baptiste Debret
Litografia sobre papel

32,5 x 47,3 cm

Acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo, Brasil. Coleção Brasileira/ Fundação Estudar. Doação da Fundação Estudar, 2007 - Pinacoteca do Estado de São Paulo.
Acervo Brasileira Iconográfica.

Adornos analisados: **colares**.

Figura 6	Jean-Baptiste Debret
	
O jantar, 1835.	
Jean-Baptiste Debret Litografia sobre papel	47,1 x 32,3 cm
Acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo, Brasil. Coleção Brasileira/ Fundação Estudar. Doação da Fundação Estudar, 2007 - Pinacoteca do Estado de São Paulo. Acervo Brasileira Iconográfica.	
Adornos analisados: brinco e colar .	

Figura 7	Jean-Baptiste Debret
	
Barbearia, 1835.	
Jean-Baptiste Debret Litografia sobre papel	47,3 x 32,5 cm
Acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo, Brasil. Coleção Brasileira/ Fundação Estudar. Doação da Fundação Estudar, 2007 - Pinacoteca do Estado de São Paulo. Acervo Brasileira Iconográfica.	
Adorno analisado: brinco.	

Figura 8	Jean-Baptiste Debret
	
Vendedores de leite e capim, 1835.	
Jean-Baptiste Debret Litografia sobre papel	32,2 x 47,2 cm
Acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo, Brasil. Coleção Brasileira/ Fundação Estudar. Doação da Fundação Estudar, 2007 - Pinacoteca do Estado de São Paulo. Acervo Brasileira Iconográfica.	
Adorno analisado: colar.	

Figura 9

Jean-Baptiste Debret



Queima da efígie de Judá no Sábado Santo, 1839.

Jean-Baptiste Debret
Litografia sobre papel

47,4 x 32,4 cm

Acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo, Brasil. Coleção Brasileira/
Fundação Estudar. Doação da Fundação Estudar, 2007 - Pinacoteca do Estado
de São Paulo. Acervo Brasileira Iconográfica.

Adornos analisados: **brincos** e **colares**.

Figura 10	Jean-Baptiste Debret
 Lith. de Thierry Poirier, Succ. de Engelmann. VOEU D'UNE MESSE DEMANDÉE COMME AUMÔNE.	
Voto de uma missa pedida como esmola, 1839.	
Jean-Baptiste Debret Gravura - Litografia sobre papel	47,2 x 32,3 cm
Acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo, Brasil. Coleção Brasileira/ Fundação Estudar. Doação da Fundação Estudar, 2007 - Pinacoteca do Estado de São Paulo.	
Adorno analisado: balangandã.	

Figura 11

Jean-Baptiste Debret



Negras indo à igreja para serem batizadas, 1839.

Jean-Baptiste Debret
Litografia sobre papel

47,1 x 32,3 cm

Acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo, Brasil. Coleção Brasileira/
Fundação Estudar. Doação da Fundação Estudar, 2007 - Pinacoteca
do Estado de São Paulo.

Adornos analisados: **brincos** e **colares**.

Figura 12

Jean-Baptiste Debret



Vendedores de grama ruda, 1839.

Jean-Baptiste Debret
Litografia sobre papel

47,4 x 32,4 cm

Acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo, Brasil. Coleção Brasileira/
Fundação Estudar. Doação da Fundação Estudar, 2007 - Pinacoteca do
Estado de São Paulo.

Adornos analisados: **brinco** e **colar**.

Figura 13

Jean-Baptiste Debret



Casamento de negros de uma casa rica, 1839

Jean-Baptiste Debret
Litografia sobre papel

47,2 x 32,3 cm

Acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo, Brasil. Coleção Brasileira/
Fundação Estudar. Doação da Fundação Estudar, 2007 - Pinacoteca
do Estado de São Paulo.

Adornos analisados: **brinco** e **colar**.

Figura 14

Jean-Baptiste Debret



Enterro de uma mulher negra, 1839.

Jean-Baptiste Debret
Litografia sobre papel

47,2 x 32,3 cm

Acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo, Brasil. Coleção Brasileira/ Fundação Estudar. Doação da Fundação Estudar, 2007 - Pinacoteca do Estado de São Paulo.

Adornos analisados: **balangandã, brinco e colar.**

Figura 15	Jean-Baptiste Debret
 2^e Partie. PL. 32 MODAS FRANCE NEGRESSES LIBRES, VIVANT DE LEUR TRAVAIL.	
	
Negras livres, vivendo do trabalho, 1835.	
Jean-Baptiste Debret Litografia sobre papel	47,2 x 32,4 cm
Acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo, Brasil. Coleção Brasileira/ Fundação Estudar. Doação da Fundação Estudar, 2007 - Pinacoteca do Estado de São Paulo.	
Adornos analisados: balangandã, brinco e colar.	

Figura 16

Jean-Baptiste Debret



O Colar de ferro, Punição aos fugitivos, 1835

Jean-Baptiste Debret
Litografia sobre papel

47,2 x 32,1 cm

Acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo, Brasil. Coleção Brasileira/
Fundação Estudar. Doação da Fundação Estudar, 2007 - Pinacoteca
do Estado de São Paulo.

Adornos analisados: **balangandã, brinco e colar.**

Figura 17

Johann Moritz Rugendas



Capoeira/Dança da Guerra/Jogar Capoeira, 1825/1835.

Johann Moritz Rugendas

Litografia

Adornos analisados: **colares**.

Figura 18	Johann Moritz Rugendas
	
Vista tomada da Igreja de São Bento no Rio de Janeiro, 1835.	
Johann Moritz Rugendas Litografia colorida à mão sobre papel	35,1 x 51,4 cm
Acervo: Coleção Brasileira Itaú - Itaú Cultural	
Adorno analisado: brinco .	

A partir da análise historiográfica e iconográfica, notamos que os brincos eram predominantemente feitos de cobre. Alguns, carregavam pingentes pendurados nas argolas, como: figas, meia luas corações e búzios (Suguimatsu, 2016; Lima et al., 2014).

Os estudiosos do tema já observaram que a linguagem dos trajes tornava visível, exibindo aos sentidos, a hierarquia social. Num mundo em que a maior parte das pessoas era analfabeta, ver era experiência das mais importantes: o poder e o prestígio deviam saltar aos olhos; a condição social inscrita no vestuário constituía uma linguagem que não permitia dúvidas, dada a força das alegorias (Lara, 1999, p. 180).

Todos estes pendentes associados aos brincos são elementos revestidos de grande simbologia. Os búzios, por exemplo, remetem a sabedoria e poder em diversos rituais da cultura africana (Lima et al., 2014), como no Jogo de Búzios. Uma cerimônia

religiosa utilizada para descobrir informações ou receber orientações, ordens, autorizações ou restrições na vida espírito-material. É um laço estreito de contato com os Orixás.

Enquanto o cobre, recebeu status especial e sagrado na história da joalheria africana, “no lugar do ouro, era o cobre o metal mais precioso no tradicional sistema de valores africano” (Suguimatsu, 2019, p. 178). E a habilidade deste minério de refletir a luz expressaria tanto a agressividade quanto o poder, além de representar a demarcação entre o reino dos vivos e o dos mortos. Já o som reproduzido por ele serviria como um meio de comunicação com os espíritos. (Suguimatsu, 2016, p. 141)

Os balangandãs, eram igualmente adornos carregados de significados espirituais, culturais e estéticos. Eles eram compostos por uma nave e pingentes, que presos a ela possuíam significados diversos, como prosperidade, fertilidade, sexualidade e longevidade. O seu formato se assemelha a ferramenta de Ogum (figura 9), elemento importante ao culto do Orixá da guerra e da metalurgia no Candomblé (Teixeira, 2013).

A figura de Ogum é representada, tanto na África quanto no Brasil, por um molho (penca) de miniaturas de ferramentas para a luta e o trabalho, confeccionadas em ferro batido em número de sete, catorze ou vinte e um objetos reunidos num argolão ou noutro tipo de peça que o sustente. Esses molhos estão nos santuários, juntamente com louças de barro, entre outros objetos de culto feitos de ferro ou de madeira. Estão presentes na joalheria religiosa quando arranjadas em correntes de ferro usadas como distintivos nos colares de sacerdotes, iniciados de Ogum, ou mesmo por guerreiros (Lody, 2010 apud Cunha; Milz, 2011, p. 121)



Figura 4 - Negras Livres Vivendo do seu Trabalho, Jean- Baptiste Debret, 1835. Fonte: Acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo. Coleção Brasileira/ Fundação Estudar.



Figura 5 - Penca de Balangandã. Fonte: Imagem digitalizada do catálogo Mostra do redescobrimto: negro de corpo e alma (Factum, 2009 apud Aguilar, 2000, p. 262).

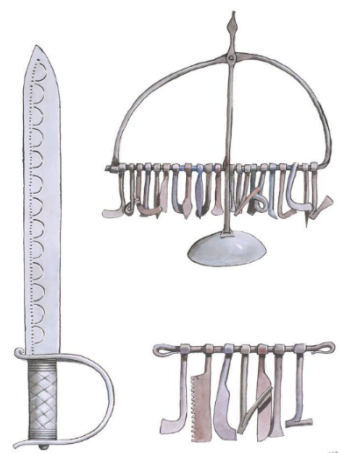


Figura 6 - Desenhos das ferramentas de Ogum. Fonte: Carybé (1980).

Na mesma medida, inicialmente criada para imitar as pedras preciosas usadas pelos nobres por meio de um material mais acessível, as contas despertaram o fascínio de diferentes sociedades onde foram posteriormente levadas, da África às Américas (Suguimatsu, 2016, p. 121).

No Brasil, as contas foram encontradas em diversos contextos como na Bahia, na antiga Sé de Salvador (Tavares, 2006) (Lima et al, 2014) e no Rio de Janeiro, foram identificadas 9 contas azuis e 9 brancas no Colégio dos Jesuítas (Suguimatsu, 2016); cinco corpos sepultados com contas brancas no Cemitério dos Pretos Novos (Pereira, 2014, apud Suguimatsu, 2016) e cerca de duas mil contas de diferentes cores e materiais no Cais do Valongo (Lima et al, 2014).

No Cais do Valongo as contas apuradas foram predominantemente azuis, de vidro e de procedência europeia (Brito, 2015; Lima et al, 2014). Com destaque para o estojo redondo de metal decorado com o desenho de “um barco a vela, cercado de vegetação e motivos geométricos”, incluindo mil e duzentas contas e miçangas com cerca de 1mm de diâmetro (Lima et al, 2014, p.9).



Figura 7 - Estojo de metal com tampa articulada, decorada com motivos geométricos e cena de um barco a vela, contendo 1.200 contas e miçangas milimétricas. Fonte: Lima, Souza, Sene, 2014.

Ao comparar as joias apresentadas nas iconografias dos viajantes no século XIX e os artefatos do sítio Cais do Valongo, podemos observar na gravura “Escravas negras de diferentes nações”, algumas mulheres usando colares de contas na cor azul, assim como a coloração dominante no registro arqueológico do sítio.

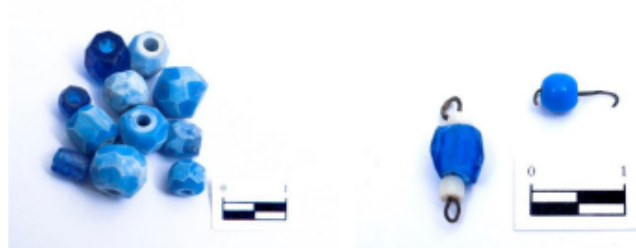


Figura 8 - Contas e adornos de diferentes materiais, formas e cores. Fonte: Lima, Souza, Sene, 2014.



Figura 9 - Escravas negras de diferentes nações. Fonte: Debret, 1835. Fonte: Acervo Biblioteca Nacional.

As contas formavam adornos como pulseiras e em maioria os fios-de contas. Ele era possivelmente, assim como hoje, um poderoso símbolo social e religioso, usado para a identificação da atuação da pessoa que o usa dentro da religião, qual a sua Nação, o santo de devoção e outros sinais. Ao portar este ornamento, o indivíduo recebe proteção e a concessão para participar das cerimônias e obrigações dedicadas aos Orixás. As contas estavam associadas também a outros “amuletos, como búzios, figas, dentes de animais, crucifixos, moedas de cobre” e intensificavam os valores e desejos ali depositados (Lima et al, 2014, p. 9).

O fio-de-contas é emblema social e religioso que marca um compromisso ético e cultural entre o homem e o santo. É um objeto de uso cotidiano, público, situando o indivíduo na sociedade do terreiro. Há critérios que compõem os textos visuais dos fios-de-contas, proporcionando identificação de santos, papéis sociais, rituais de passagem – o quelê –, ou ainda fios-de-contas mais sofisticados que, além de identificar o indivíduo, sua atuação no terreiro, ainda identifica o tipo de Nação, ora por cor, ora por emblema [...] (Lody, 2001, p. 59).

Características como a cor das contas presentes nos fios remetem ao Orixá que o indivíduo está agregado. Oxalá está relacionado com contas brancas leitosas, Iansã se associa às contas marrom ou cor de coral, Xangô traz contas vermelhas ou marrons, intercaladas com contas brancas, Oxum contas douradas ou de âmbar (alguns aceitam o amarelo), Ogum é cultuada com a cor verde ou o azul-marinho, Oxóssi o azul-turquesa, Omolu tem cores que variam entre brancas raiadas de preto e marrom e Iemanjá contas brancas translúcidas ou de cristal, e por vezes azul-turquesa (Romani, 2013).

Além das contas, durante as escavações do Valongo foi resgatado um brinco de cobre com um pingente de meia-lua e o mesmo tipo de adorno foi observado por Lima, Souza, Sene, 2014 em uma pintura de uma mulher escravizada de Moçambique feita por Debret. Demonstrando novamente a afinidade da cultura material do sítio arqueológico e a iconografia oitocentista. Atestando por um lado a importância do cobre como um material de uso multiseccular na tradição africana e por outro indicando a possibilidade da utilização dele para a “confeção de fetiches destinados à proteção do corpo” (Lima et al, 2014, p. 22).

Entretanto, ainda não é possível afirmar completamente sobre a simbologia do cobre como elemento de proteção (“ (Lima et al, 2014, p. 24) ou ainda se a interligação das cores aos Orixás já era presente no contexto brasileiro oitocentista ou se este conceito foi desenvolvido com o decorrer do tempo (Lima et al, 2014). O que se sabe, é que o uso de brincos, colares e balangandãs para além do empenho em se embelezar, indica o cuidado com a espiritualidade e cultos religiosos na vida cotidiana destas mulheres negras, com “significados nem sempre facilmente desvendados pelos senhores” (Lara, 1999, p. 185). E assim como pontua Tânia Andrade Lima (2011, p. 19), cada pessoa lê e analisa textos de maneira distinta, assim também ocorre com a cultura material, que está aberta a múltiplas interpretações.

Portanto, como foi desenvolvido ao longo do trabalho, as gravuras produzidas por estes viajantes europeus devem ser observadas e estudadas levando em conta que o seu conteúdo está submerso no viés ideológico destes autores. Dessa forma, as iconografias não podem ser consideradas representações fiéis do Rio de Janeiro no século XIX, tampouco das mulheres negras que ocupavam e resistiam neste território.

4. Considerações Finais

O trabalho buscou analisar os simbolismos embricados na joalheria afro-brasileira, através dos pressupostos da Arqueologia Pós-Processual, Teoria da Agência, Arqueologia Histórica, Arqueologia da Diáspora Africana e Arqueologia de Gênero. Por meio do levantamento iconográfico, bibliográfico e arqueológico foi possível interpretar alguns dos usos e significados, buscando comparar aos adornos resgatados no Cais do Valongo.

A partir das dezoito iconografias e dos dados documentais apresentados neste trabalho, foi possível entender que o Brasil teve sua formação histórica estruturada e pactuada no apagamento da população negra em diáspora, sobretudo das mulheres negras. O sistema escravagista que moldava a estrutura social carioca no século XIX,

foi responsável por explorar e marginalizar este grupo, gerando consequências graves na configuração da nossa sociedade atual. Segundo o Atlas da Violência de 2024 (Ipea), 76,5% das vítimas de homicídio no país são pretas e pardas, por conseguinte, mulheres negras têm 2 vezes mais chances de serem vítimas deste crime. Outro dado lastimável é a ínfima porcentagem de pessoas negras em cargos de liderança nas empresas brasileiras, representando apenas cerca de 6% nos conselhos de administração de acordo com o Perfil Social, Racial e de Gênero das Empresas do Brasil e suas Ações Afirmativas (Instituto Ethos, 2024). Consequentemente, o apagamento dessas mulheres se reflete na grande lacuna nas pesquisas acadêmicas destinadas a representação destas mulheres negras enquanto agentes ativas dentro da sociedade.

Todos estes dados apontam estratégias para marginalização e extermínio de corpos negros em uma sociedade que é estruturada a partir do racismo, machismo e luta de classes. O conceito de interseccionalidade, elaborado por Kimberlé Crenshaw na década de 80 expõe essas camadas de opressão sobrepostas que são vivenciadas pelas mulheres negras e como estes fatores impactam, por exemplo, no acesso a direitos básicos.

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento (Crenshaw, 2002, p.177).

As mulheres negras historicamente têm sido submetidas a desigualdades tanto de raça, como gênero e classe; elas sofrem “desvantagem em termos de educação, de trabalho e até mesmo de lazer” (Gonzalez, 2020). E assim como reflete a ativista bell hooks, em contrapartida “a mulher branca pôde ao menos litigar por sua própria emancipação; as mulheres negras, duplamente escravizadas, não puderam mais do que sofrer e lutar e permanecer em silêncio” (hooks, 2020, p. 19).

Observamos desde os registros arqueológicos e nos relatos de viajantes como Jean-Baptiste Debret, o retrato das condições subalternas impostas às mulheres escravizadas no Rio de Janeiro do século XIX e infelizmente, até a atualidade observamos estas circunstâncias no trabalho doméstico precarizado nas casas de famílias da classe média e da burguesia. Este é o retrato da perpetuação dos ciclos de exploração e apagamento das mulheres negras.

Cida Bento (2022) explica através do conceito “Pacto da Branquitude”, que através da influência do colonialismo, relações de poder foram estabelecidas para o benefício exclusivo de pessoas brancas e para a preservação de seus privilégios, impedindo até hoje que a população negra prospere e se desenvolva.

Portanto, é de extrema importância salientar a dificuldade de encontrar bibliografia que retrate o histórico das mulheres negras, aqui destaco principalmente sobre o recorte do Rio de Janeiro no século XIX. São escassos os livros, artigos e pesquisas que ofereçam um deslumbre do cotidiano e dos números relacionados a essas mulheres.

As mulheres negras escravizadas e alforriadas no Rio de Janeiro oitocentista desfrutavam de uma considerável mobilidade, dessa forma se tornaram importantes produtoras de cultura material e imaterial dentro da estrutura que viviam (Suguimatsu, 2019; Brito, 2015). E apesar de serem fundamentais para se compreender a

construção histórica da sociedade carioca, constatamos que os dados acerca da presença de africanas e suas descendentes no Rio de Janeiro permanecem inconsistentes e insuficientes como pontuado anteriormente.

Contudo, foi observado que apenas a existência das joias, como os brincos, colares, fios de conta e balangandãs, demonstram que mulheres negras possuíam adornos de uso exclusivo (já que os itens não eram observados no cotidiano das mulheres brancas) indicando que para além do embelezamento eles carregavam um forte recorte racial e de gênero (Factum, 2009; Lody, 2001). Dessa forma, assim como identificou Factum (2009), possivelmente estas peças significavam a “manutenção, ou melhor, uma re-construção de identidade cultural para suas usuárias”.

Dentro da arqueologia histórica, utilizamos um leque de fontes de pesquisas, sendo uma delas a iconografia e neste trabalho avaliamos as limitações que ela apresenta. A iconografia não pode ser considerada uma fonte absoluta do que está sendo retratado e nem esgotar completamente as dúvidas sobre o tema pesquisado, porém ela ainda pode ser uma importante fonte de pesquisa para a Arqueologia. As obras de Debret, Rugendas, Eckhout e outros pintores auxiliaram no estudo do cotidiano do Rio de Janeiro oitocentista e seus elementos simbólicos, e também impulsionou pesquisadores de diversas áreas a realizarem novos debates sobre suas gravuras. Observando, por exemplo, detalhes importantes que eram encobertos nelas, como a falta de representação de estratégias de resistência contra a escravidão, o que reforçava uma narrativa de submissão da população em diáspora (Oliveira, 2008; Suguimatsu, 2016). Assim como evidenciou a arqueóloga Isabela Suguimatsu (2016), além da importância de olhar para as escolhas artísticas colocadas em tela, deve-se atentar igualmente ao que foi deliberadamente eliminado.

Na busca realizada nos acervos dos viajantes europeus, não foram encontradas obras que relatassem a produção ou obtenção das afro-joalherias pelas mulheres negras. A mesma escassez foi constatada em relação as matérias primas utilizadas nos adornos, os artistas falharam em reproduzir tanto os insumos como a diversidade de cores, formatos e modelos usados. Esta discrepância pode ser observada ao comparar as joias das gravuras com os achados dos sítios arqueológicos como no Cais do Valongo, no Colégio dos Jesuítas e no Cemitério dos Pretos Novos (Lima, Souza, Sene, 2014; Suguimatsu, 2016).

Dessa forma, notamos que com a combinação das iconografias, artefatos arqueológicos, etnografia e da historiografia é possível traçar um perfil bem mais seguro sobre o universo social no qual estava inserida a afro-joalheria carioca do século XIX.

As pessoas escravizadas não foram “testemunhas silenciosas de sua época” (Souza, 2018) e embora estando inseridas em um contexto de grande opressão, as mulheres negras representadas nesta pesquisa desafiaram o regime escravista e moldaram suas identidades através da cultura material manipuladas por elas. Elas foram símbolos vivos de luta contra a estrutura dominante que viviam e encontraram através de seus adornos corporais táticas para manter a humanidade que lhes foi negada.

Pensar que os artefatos são corpos vivos é ir além de leituras simplistas sobre as coisas, não as entendendo como “um fato consumado em si”, mas como inseridas numa rede de relações que ultrapassam seus corpos e que atingem e influenciam outros tantos. [...] **Se atrás dos números vimos pessoas; sob os panos, corpos; dos artefatos, coisas e das fontes, olhares, talvez possamos ir um pouco além no entendimento da vida das coisas usadas pelos escravos no passado** (Suguimatsu, 2016, p. 168).

Referências

BENTO, Cida. **Pacto da Branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BRITO, Patrícia. **De conta em conta: rotas atlânticas e comércio no Rio de Janeiro**. O caso do cais do Valongo. Rio de Janeiro, 2015. 203 f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia). - Programa de Pós Graduação em Arqueologia, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

CARYBÉ (BERNABÓ, Hector Julio Páride). **Iconografia dos Deuses Africanos no Candomblé da Bahia**. 1980. Editora Raízes Artes Gráficas, 1980.

CRENSHAW, Kimberle. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. Estudos Feministas. Ano 10 vol. 1, 2002. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11636.pdf>> Acesso em: 5 jul. 2024.

CUNHA, Laura; MILZ, Thomas. **Joias de crioula**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.

DEBRET, Jean Baptiste. **Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil**. (Coleção Reconquista do Brasil. 3. série especial; vols. 10, 11 e 12). Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: EDUSP, 1989.

FACTUM, Ana Beatriz Simon. **Joalheria escrava baiana: a construção histórica do design de jóias brasileiro**. São Paulo, 2009. 355 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.

GOMES, Flávio. **A demografia atlântica dos africanos no Rio de Janeiro, séculos XVII, XVIII e XIX: algumas configurações a partir dos registros eclesiásticos**. v.19, supl., p.81-106, 2012.

GONZALEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GOULART, Maurício. **A escravidão africana no Brasil: das origens à extinção do tráfico**. São Paulo: Alfa-Ômega. 1975.

GRAHAM, Sandra Lauderdale. **Ser Mina no Rio de Janeiro do século XIX**. Afro-Ásia, 2012, p. 25-65.

HARTEMANN, Gabby. **Voltar, contar e lembrar de Gangan: por uma arqueologia griótica afrodecolonial em Mana, Guiana**. 2019. 228 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais.

HODDER, Ian. **Archaeological Theory Today**. Polity Press, 2012

HOOKS, Bell. **E eu não sou uma mulher?** : mulheres negras e feminismo. 4ª ed. tradução Bhuvli Libanio. – 4ª ed. – Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

<https://www.scielo.br/j/rk/a/nNM94v6fvD9nJSydrQcJvMk/>

INSTITUTO ETHOS. **Perfil Social, Racial e de Gênero das 1.100 Maiores Empresas do Brasil e Suas Ações Afirmativas – 2023-2024**. São Paulo: Ethos, 2024.

JESUS, Carolina Maria de. Meu estranho diário. Editora Saraiva: São Paulo. 1996, p.19. Disponível em: <www.revistaprosaveroarte.com/carolina-maria-de-jesus-poemas>. Acesso em: 24 out. 2023.

JESUS, Carolina Maria de. Meu estranho diário (poema “Humanidade”). São Paulo: Xamã, 1996.

JOHNSON, Matthew. **Concepções de agência em interpretação arqueológica**. Vestígios - Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 148–173, 2010. DOI: 10.31239/vtg.v4i2.10671. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/vestigios/article/view/11893>>. Acesso em: 30 set. 2024.

LIMA, Tania Andrade; SENE, Glaucia Malerba; SOUZA, Marcos André Torres de. **Tecendo a Segunda Pele**: a proteção contra o mal entre os escravos do cais do Valongo, Rio de Janeiro, século XIX. 2014.

LODY, Raul. **Joias de axé**: fios-de-contas e outros adornos do corpo: a joalheria afro-brasileira. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2. ed., 2010. ISBN 978-85-286-0840-3.

OLIVEIRA, Carla Mary S. **O cotidiano oitocentista pelos olhos de Debret**. Resenha de: Debret e o Brasil: obra completa (1816-1831); de Julio Bandeira e Pedro Corrêa do Lago (Rio de Janeiro: Capivara, 2007). Sæculum – Revista de História, [S. l.], n. 19, 2008. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/index.php/srh/article/view/11416>>. Acesso em: 9 nov. 2023.

PEREIRA, Dulce Maria. **A face negra do Brasil multicultural**. 1. ed., v. 1, 2012.

PEREIRA, Hanayrá Negreiros de Oliveira. **O Axé nas roupas**: indumentária e memórias negras no candomblé angola do Redandá. São Paulo, 2017. 133 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

PEREIRA, João Baptista Borges. **Diversidade e pluralidade**: o negro na sociedade brasileira. Revista USP, São Paulo, n. 89, p. 278-284, mar./maio 2011. Disponível em: <<http://rusp.scielo.br/pdf/rusp/n89/19.pdf>>. Acesso em: 20 abri. 2022.

ROMANI, Danielle. **Fios e contas**: símbolos de fé e proteção. Revista Continente, ed. 152, 2013. Disponível em: <<https://revistacontinente.com.br/edicoes/152/fios-e-contas--simbolos-de-fe-e-protecao>>. Acesso em: 18 jul. 2024.

RUGENDAS, Johann Moritz. **Viagem pitoresca através do Brasil**. São Paulo: Livraria Martins, 1940.

SOUZA, Marcos André Torres de. **Introdução: Arqueologia da Diáspora Africana no Brasil**. Belo Horizonte: Vestígios, Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica; Vol 7, n. 1. 2013, p. 9-19.

SOUZA, Patrícia March de. **Aos olhos do observador estrangeiro: a roupa na construção da escravidão no Rio de Janeiro**. Acervo, [S. l.], v. 31, n. 2, p. 49–66, 2018. Disponível em: <https://revista.arquivonacional.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/938>. Acesso em: 18 jul. 2024

SUGUIMATSU, Isabela Cristina. **Atrás dos panos: vestuário, ornamentos e identidades escravas - Colégio dos Jesuítas, Campos dos Goytacazes, século XIX**. Belo Horizonte, 2016. 189 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

SUGUIMATSU, Isabela Cristina. **Para além de algemas e grilhões: os objetos de vestuário e ornamentação dos escravos**. In: SYMANSKI, Luís Cláudio Pereira; GOMES, Flávio dos Santos (Orgs.). Arqueologias da escravidão e liberdade: senzalas, cultura material e pós emancipação na Fazenda do Colégio, Campos dos Goytacazes, séculos XVIII a XX. Curitiba: Brazil Publishing, 2019.

SYMANSKI, Luís Cláudio; GOMES, Flávio. **Da cultura material da escravidão e do pós-emancipação: perspectivas comparadas em arqueologia e história**. Rio de Janeiro: Revista De História Comparada, 2013, p. 293-338.

TAVARES, Aurea Conceição Pereira. **Vestígios materiais nos enterramentos na antiga Sé de Salvador: Postura das instituições religiosas africanas frente à igreja católica em Salvador no período escravista**. 2006. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-Graduação em Arqueologia - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 124p., 2006.

TEIXEIRA, Amanda Gatinho. **Joalheria de Crioulas: Subversão e Poder no Brasil Colonial**. Antíteses, [S. l.], v. 10, n. 20, p. 829–856, 2017. DOI: 10.5433/1984-3356.2017v10n20p829. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/29572>. Acesso em: 19 out. 2024.

TRIGGER, Bruce. **História do pensamento arqueológico**. São Paulo: Odysseus Editora, 2004.